

OS ENCANTOS DOS GERAES

Jamais temos noção do que a vida está guardando para nos presentear ou mesmo para nos ensinar. Como boa brasileira, li Guimarães Rosa na adolescência. Mas foi agora, já adulta, que tive o grande prazer de vivenciar sua história.

Quando fui convidada para participar da expedição Caminhos dos Geraes fiquei indecisa, mas acabei aceitando o convite. Eu não podia imaginar que essa experiência me faria entender o que Guimarães Rosa sabiamente afirma: “o sertão está em toda parte”. Hoje o sertão se encontra dentro de mim, junto a meus sentimentos e minhas recordações.

A aventura acabou e meu corpo já descansou, mas minha mente e meu coração ainda não se aquietaram. As imagens e cenas que vi estão como um turbilhão na minha cabeça. Quando me lembro do Riacho Escuro, me vem a imagem da gameleira que nasceu em cima da igreja de Barra do Guaicuí, iniciada pelos jesuítas, mas inacabada porque os índios fugiram antes do término da construção. Quando me lembro da balsa que puxamos pela corda ao atravessar o Rio Urucua, a Serra das Araras toma conta do meu pensamento sem pedir permissão. Quando me lembro do Parque “Grande Sertão Veredas” na Chapada Gaúcha, me pego cantando o Credo, tal qual na Missa de Ponte do Cigano. Eu que costumo ser tão lógica e prática, não estou conseguindo concatenar as informações. É que a emoção permeia tudo e não permite que o pensamento se organize. Mas vou fazer um esforço para tentar compartilhar com os outros as belezas que vi.

Cheguei à Praça dos Jatobás, na quinta-feira (16/11/06), munida de uma mochila, da lista das cidades por onde meu roteiro Sagarana passaria, de um mapa 4 rodas para acompanhar o roteiro, e de muita expectativa sobre o que eu encontraria (além de uma matulinha com caixinhas de suco e barrinhas de cereais, que escondi na mochila para nin-

guém perceber que eu excedia um pouco os 5 quilos que me foram permitidos carregar). Não tinha nem idéia de quem seriam meus companheiros durante o roteiro.

A festa da largada foi linda, mas pareceu um tanto demorada, pois a vontade de partir era enorme. Conheci meus companheiros e partimos para os quatro dias que vou narrar.

Começamos a expedição pelo Velho Chico, visitando cidades e vilarejos em sua margem. Pirapora, Buritizeiro, Cachoeira da Manteiga e São Romão. Não sei se o rio faz parte da vida das pessoas ou se as pessoas fazem parte da vida do rio. Também não sei se o peixe mais gostoso que comemos foi o de Pirapora ou se foi o de São Romão.

Pernoitamos em São Romão e, pela manhã, tivemos uma aula de história, pois a vila que originou a cidade nasceu no início do século XVIII. Foi uma vila que se rebelou contra a coroa portuguesa, parou de pagar impostos e lutou por sua emancipação. Uma história bonita e rica, mas que, infelizmente, está sendo perdida. O patrimônio histórico da cidade está caindo em ruínas ou então sendo substituído por construções novas. A Igreja de Nossa Senhora da Conceição, datada de 1719, teve parte de seu telhado refeito com telhas novas. A cadeia da cidade, também do século XVIII, está sendo reformada. Sim, reformada, e não restaurada. O piso foi substituído por tábuas corrida moderna, as janelas reformadas, e um grande forro de lambri foi construído escondendo o telhado original. Em frente a essa cadeia, casas antigas foram demolidas para a construção de uma praça. A antiga Casa da Moeda está adornada com uma placa onde lemos “VENDE-SE OU TROCA-SE”. Fiquei imaginando que outro bem o proprietário aceitará na troca desse patrimônio. Será um automóvel novo? Ou serão sacos de arroz e de batatas, pois há o boato de que o dono de uma mercearia vai comprar o imóvel para demolir e construir um armazém mais moderno.

Vários habitantes da cidade reconhecem seu valor histórico e tentam preservá-lo. Mas, além de terem informações desconhecidas sobre a história da cidade – há quem diga que a Casa da Moeda não existiu, pois a região não tinha ouro nem prata e, portanto, não tinha moeda para ser cunhada – não dispõem de recurso e conhecimento adequados para a preservação.

Encontramos o César, um rapaz que vendeu a máquina de costura de sua mãe e outros eletrodomésticos da família para comprar patacas e outros objetos encontrados enterrados na cidade, quando uma moto niveladora reparava a rua da Igreja. Ele iniciou um pequeno museu com os objetos encontrados e os guarda em uma mala de couro antiga sem a menor condição de preservação. Inconformado com a situação, ele prevê o dia no qual terá de vender suas preciosidades para alimentar a família.

Depois de São Romão, começamos a respirar o sertão de Guimarães Rosa. De São Romão a Urucua passamos por fazendas no cerrado e por diversas veredas. Vimos lavadeira lavando roupa no Riacho Escuro e paramos para nadar um pouco mais adiante, junto com umas crianças que se divertiam com uma canoa. Das crianças, nossos guias do IEF confiscaram alguns estilingues. Reminiscências da infância, tive vontade de brincar com o estilingue. Não para atirar em passarinho, mas para tentar acertar as pedras do riacho. Ainda bem que não tentei, pois meus colegas de expedição descobririam minha falta de mira e de coordenação motora.

De Urucua fomos para Arinos, onde passamos a segunda noite. Próxima a Arinos, visitamos a comunidade de Sagarana, um distrito junto a um parque do IEF. Lá, além da beleza da paisagem, tivemos um exemplo de organização comunitária e preservação da cultura e do meio ambiente. As tecelãs do Projeto Veredas fiam o algodão em rocas, tingem o fio com produtos naturais, conseguindo tonalidades maravilhosas e tecem mantas, xales e diversas peças que viajam por esse mundo afora.

De Arinos a Chapada Gaúcha nossa visão mudou. Vimos hectares e hectares de terra desmatada para o plantio de soja e capim. Conheço muito bem a necessidade desse cultivo e acho que, nesse ponto, meu pensamento foi menos romântico que o dos companheiros da expedição, que emitiram comentários contra essa atividade produtiva. Mas confesso: vimos vários rios completamente secos, mais parecendo estradas de chão batido (ou melhor, estradas de areia solta) que muito me entristeceram. Precisamos da soja, do milho e do capim para produzir alimento para a população. Mas continuaremos a precisar da soja, do milho e do capim para alimentar a geração futura e, com os rios secos, essa produção vai durar pouco. De acordo com o Alberto, diretor do IEF que nos acompanhou (sim, tive o privilégio de ser guiado durante toda a expedição por um diretor do IEF), os fazendeiros têm respeitado a reserva legal de suas propriedades, mas vimos o estrago que já foi feito na região.

A recepção na Chapada Gaúcha foi maravilhosa. Tivemos um guia que nos acompanhou até a Serra das Araras, onde ficamos inebriados com a beleza da paisagem. Enquanto estávamos deslumbrados com a beleza do Buraco – um canyon próximo à Serra – nosso guia local abriu sua mochila e retirou uma camisa. Estava muito quente e eu achei que ele ia trocar de roupa. Engano: a camisa estava embrulhando um exemplar do Grande Sertão: Veredas, que ele abriu com cuidado e começou a ler um trecho onde Guimarães Rosa descreve o local. Não vou conseguir descrever a emoção do momento. Apesar do calor, fiquei completamente arrepiada.

A Serra das Araras é de uma beleza ímpar e a vila, que tem o mesmo nome, não fica atrás. Foi com tristeza que deixamos a Serra rumo a São Francisco, pois estávamos com o firme propósito de cumprir todo o nosso roteiro.

Passamos apressados por São Francisco, nossa última pernoite, por Luislândia, onde vimos a Gruta Sem Fim, e por Brasília de Minas. Já de tarde partimos de Brasília de Minas para Coração de Jesus. No meio do caminho passamos por Ponte do Cigano, uma pequena vila sertaneja. Era domingo (19/11/06), e chegamos na hora da Missa. Tivemos que nos separar para que cada um visse um pouco do local. Optei por participar da Missa, e tive o prazer de cantar o Credo junto com as beatas que eram acompanhadas por um acordeom. Prazer maior tive ao ouvir o sermão em que o celebrante, ao falar da Palavra de Deus, falou da Palavra dos Homens, destacando como são importantes os ensinamentos que um homem passa ao outro. Pareceu até que ele sabia que estávamos ali colhendo a palavra deles para levar para fora, para a sociedade que não conhece a beleza sertaneja.

De Coração de Jesus, partimos com muita pressa para Montes Claros, cientes de que estávamos atrasados. Felizmente, chegamos cansados, sujos, mas maravilhados com tudo o que vimos e a tempo de participar da bela cerimônia de encerramento da expedição que só fez aumentar o clima de emoção compartilhado por todos.

Na segunda-feira (20/11/06), tive que acordar muito cedo para voltar para BH, ainda com o corpo cansado. Foi um dia apertado, cheio de pendências para resolver. A caixa de mensagens superlotada de e-mails solicitando muitas decisões. Mas a quantidade de trabalho não esfriou meu coração. Pelo contrário, quanto mais o tempo passava, mais eu percebia a beleza e grandiosidade de tudo o que passamos.

Não consegui falar sobre tudo o que vi, pois foi um roteiro muito denso. Menos ainda demonstrar tudo o que senti, e ainda estou sentindo, pois a todo instante que mais uma lembrança me ocupa o pensamento. Mas, fica esse relato breve dos quatro dias da expedição que durarão anos na minha memória. E uma vontade enorme de voltar com mais tempo a cada lugar por onde passamos.

E depois desse mergulho em lugares e situações tão adversas, faço aqui um apelo ao IEPHA: Intervenham na cidade de São Romão antes que toda sua história seja perdida e caia em ruínas. Façam uma pesquisa séria sobre a história da cidade, divulguem entre seus habitantes para que eles participem dela, e restaurem as construções belíssimas que estão desaparecendo.

Agradeço a oportunidade de ter conhecido todos da minha equipe. O Henrique, a Rita, o Hudson e o Lelê, do jipe da filmagem, de um profissionalismo exemplar, a Ângela, a Bárbara, o Adelson e o Erotides, de quem, infelizmente, nos separamos no último dia, e em especial, os meus companheiros de jipe: o bom humor do Alberto, que sempre tinha algo para nos ensinar e uma brincadeira para

fazer; a alegria do Wesley com o seu jeito bonachão e o carinho do Sued, sempre com uma palavra amiga que encantava. Juntos, descobrimos que basta nossa vontade para acabar com a sensação de que o “sertão pode desaparecer”.

Termino este relato bendizendo o dia em que um certo Paulo Ribeiro me ligou perguntando se eu o apoiaria no plantio de uma floresta social (que eu nem sabia o que era) próxima à empresa onde trabalho. Nesse dia eu o conheci, tive acesso a esses projetos maravilhosos que ele propõe e terminei participando, “na garupa do Rosa”, desse deslumbrante Caminhos dos Geraes. Com ele tive a oportunidade de entender que “o sertão é do tamanho do mundo”.



Cachoeira do Ouro - Mato Verde



Serra Nova - Nascente do Rio Preto

